

A RETÓRICA CONTEMPORÂNEA

*Dausiley de Oliveira Martins Silva**
*Maria Aparecida Boldrin Pessoto***

RESUMO

O mundo de hoje não caminha sem comunicação. Essa comunicação, porém, deve ocorrer com suavidade, inteligência e respeito, e isso só é possível por meio do convencimento e da persuasão. Com base sobretudo em Barilli e através de alguns textos jornalísticos, o presente trabalho busca, então, mostrar a importância da Retórica, desde Aristóteles até hoje, nesse processo de argumentação em que a verdade do emissor é traduzida na verdade do receptor e, só assim, podendo acontecer a comunicação em um contrato interativo de cumplicidade e cooperação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, retórica, argumentação, convencimento e persuasão.

ABSTRACT

The present world doesn't walk without communication, but that must occur in a soft, intelligent and respectful process and it's possible only through conviction and persuasion. Thus by considering Barilli and the analysis of some newspaper texts, this article intends to prove the importance of Rhetoric, since Aristoteles till today, in this argumentative process in which the speaker's truth can be translated into the hearer's truth and just so the communication can happen in a complicity and co-operation interactive contract.

KEY-WORDS: communication, rhetoric, argumentation, conviction, persuasion.

No mundo de hoje, a comunicação, tanto oral quanto escrita, assume uma competência importantíssima. Dela dependem o sucesso e a realização humana tanto pessoal quanto profissional. Para isso precisamos saber **convencer**; “vencer junto” com a razão e saber **persuadir**, “vencer pela emoção”, traduzir “nossa verdade dentro da verdade do outro” (ABREU, 2001). Tanto o convencer quanto o persuadir fazem parte do processo de argumentação e a retórica é que nos ensina como fazer isso. Esse é o objetivo do presente artigo.

O relançamento dessa retórica contemporânea ou moderna começou com Baudelaire (1821-1867). Antes desse simbolista francês, a retórica teve seu papel

* Pós-graduada do Curso Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Professora do Ensino Médio da rede particular.

** Pós-graduada do Curso Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Professora do Ensino Médio da rede pública.

diminuído dentro da ciência humana, que privilegiava apenas o culto da matemática como modelo preferencial do raciocínio, chegando a retórica, então, a ser encarada como simples recurso embelezador de um discurso, isto é, vista como algo não sério, pejorativo até. Baudelaire volta-se aos gregos e de lá resgata o valor da retórica, que mais tarde foi reconhecida por Croce (1958) como a grande conciliadora e integradora, aquela que traz o equilíbrio entre as ciências demonstrativas e a “doxai”, nada evidente, que, por sua vez, precisa da argumentação.

Mallarmé (1842-1898) continua a corrente de vanguarda histórica, “tradição do novo”, introduzida por Baudelaire e afirma que as figuras não são pormenores e, sim, propriedades essenciais da obra.

Essa vanguarda histórica continua com os formalistas russos que, privilegiando o momento formal, separam a “elocutio” da “inventio” e da “dispositio”¹, propondo um estudo científico rigoroso, nessa época em que a Linguística adquire aspecto científico. Cabe a Jakobson (1956) divulgar as idéias dos formalistas russos no Ocidente, mas, sobretudo, deve-se a Perelman, com a publicação do “Tratado de Argumentação” (1958), o relançamento definitivo da retórica com o destaque que Aristóteles² sempre lhe deu na História Antiga, demonstrando que o campo da argumentação não é inferior a qualquer outro; é simplesmente apoiado em regras diferentes.

Nessa retórica moderna ou nova retórica, portanto, há dois pólos: o estudo das figuras de linguagem e o estudo das técnicas de argumentação. O belga Perelman, neo-aristotélico, passa a privilegiar a “inventio” e a “dispositio” sem desprezar a “elocutio”, entrando aí o docere (o ensinar), o movere (o comover) e o delectare (o agradar).

Jean Dubois, do Grupo ¼ de Liège (1970), em sua Retórica Geral, continua os estudos de Perelman que só se completam com McLuhan, o qual, buscando Freud (1856-1939), resgata as últimas partes do discurso retórico: a “actio” e a “memória”.

Em suas obras Gutenberg Galaxy (1964) e Understanding Media (1966), McLuhan recupera a quarta parte do componente do sistema retórico: a execução do discurso, a “actio”, com o ritmo, a pausa, a entonação, o timbre de voz, a eloquência e a gestualidade, trazida pelos avanços da mídia eletrotécnica, em geral, e da eletrônica, em particular (telefone, rádio, TV, registro de som, imagem em fita eletromagnética).

Portanto, o problema que Freud já havia reconhecido como “desconforto da

¹ São componentes do sistema retórico:

- 1- Inventio (de onde se retiramos argumentos, as provas)
- 2- Dispositio (maneira de dispor o discurso)
- 3- Elocutio (estilo, plano de expressão)
- 4- Actio (não-verbal, em que se convence não só pelo retórico, mas persuade pela emoção)
- 5- Memória (acrescida pelos romanos), em que há a retenção do que se tem a transmitir.

² ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro. Ediouro. s/d.

civilização” trazido pela era gutenberguiana, a qual tirou do homem o prazer dos sentidos, da emoção dos afetos, da oralidade, proporcionando-lhe o recalçamento da zona instintiva e causando-lhe, com isso, neuroses sociais e coletivas, está solucionado com o retorno da “actio”, que permite a volta desse homem recalçado de maneira intensa e presente, isto é, do corpo / alma, do intelecto / sentidos.

Para Freud, em nossa atividade psíquica há uma lógica do duplo binário, isto é, há um eixo horizontal do princípio da realidade que, a cada passo, interfere no eixo vertical da libido, do eros, do prazer. A imprensa de Gutenberg recalçou o eixo vertical quando fez prevalecer a palavra escrita sobre a falada. A partir daí a comunicação ficou empobrecida, pois deslocou-se do circuito boca-ouvidos para o “silencioso” e mental dos olhos (Barilli, 1985). Os valores sensuais, fônicos, musicais e os valores da eloquência cederam lugar aos aspectos lógicos. Freud, porém, não deixou o eixo vertical da libido em estado de emocionalidade selvagem, atribuindo-lhe possibilidades de instrumentação técnica, e isso ele o faz considerando a hipótese de contigüidade entre a família dos fenômenos cômicos (chistes / frases espirituosas) e a família do onirismo, que vemos na obra A Interpretação dos Sonhos, publicada em 1900.

Nos sonhos, segundo Freud, o ser humano **condensa** ou **desloca** imagens. Na condensação, o indivíduo, por semelhança, junta imagens não ligadas entre si pelo fio lógico horizontal, que se baseia na realidade. É que aí funciona a “outra lógica”, a libido. No nível das frases espirituosas ou chistes (fenômeno cômico), a condensação dá lugar à metáfora. São fenômenos de duplo sentido ou de aproveitamento de semelhanças consonânticas e vocálicas, dos quais Freud dá vários exemplos, como o nome do Imperador Bonaparte que, decomposto em partes, redundando na frase espirituosa “non tutti gli italiani sono ladro, ma bona parte (Bonaparte) si.”

Na deslocação de imagens, a lógica vertical da libido faz a deslocação de acento do todo para a parte de um enunciado, o que leva à figura inspirada nos processos metonímicos (metonímia / sinédoque). É o exemplo do hebreu que pergunta a outro se ele havia tomado um banho. O outro apanha uma parte do enunciado (verbo tomar) e lhe dá o significado literal, ignorando o contexto, o que o faz perguntar: “Perdeste algum?”.

Os estudos de Freud comprovaram definitivamente a importância das figuras no desenvolvimento psicossocial do homem. Elas é que permitem liberar o “inconsciente”, no qual acontece o recalçamento da zona instintiva, proporcionando ao indivíduo um autotratamento psicanalítico, sem contar que, pelas figuras, há informação, enriquecimento do texto pela criação de efeitos novos e, sobretudo, persuasão.

Finalmente, com a recuperação da quinta parte do sistema retórico, a “memória”, ainda conforme os estudos de McLuhan, a retórica retorna completamente, pois sabemos que, nesta nossa era da eletrônica, o indivíduo não pode prescindir dela em suas exposições, tanto para um auditório particular como para um auditório universal, em que não há controle de variáveis. Fatalmente, terá que memorizar a

ordem de sua fala, o esboço dos assuntos, pois qualquer esquecimento causaria uma grave perda de imagem e até de sua dignidade, conforme demonstra a crônica de Fernando Rodrigues, publicada na Folha de S. Paulo de 08/06/2002. (Vide Anexo I)

Esse artigo, já no título, “Eleição eletrônica”, deixa indícios da importância de seu conteúdo, reforçado em: “esta será a eleição presidencial mais eletrônica que o Brasil já teve”; portanto, mais do que nunca os candidatos terão que se valer dos dois últimos componentes retóricos: a “actio” e a “memória”, pois aparecerão ao vivo a um auditório universal e qualquer erro, esquecimento ou gesto poderá ser imperdoável, causando um dano irreparável à candidatura dos mesmos, conforme pode-se constatar pelas palavras usadas pelo próprio autor do artigo: “Ninguém quer aparecer na frente de 27 milhões de telespectadores-eleitores com a cara abatida ou sem as idéias no lugar”. Vê-se, dessa maneira, o importantíssimo papel da “actio” e da “memória”.

Agora, para comprovar a força retórica contemporânea, selecionamos outro texto, uma crônica de Clóvis Rossi publicada na Folha de S. Paulo de 30/05/02, conforme anexo II.

O cronista, em sua técnica argumentativa, já faz uso da figura de linguagem, antítese, no próprio título: “Perto do poder, longe da decência”. Com isso, além de nos passar as idéias contrárias de perto / longe, ele consegue um efeito novo ao levar-nos ao discurso do senso comum que diz que o **poder** é contrário à **decência**. Logo, o autor consegue o efeito de duplicar sua antítese: perto x longe e poder x decência.

E, valendo-se desse discurso do senso comum, o autor já nos prepara para o conteúdo de seu texto, isto é, já busca nossa cumplicidade, pois todos sabemos que os políticos não primam, em geral, pela honestidade.

Rossi inicia o texto com o que se chama de **tese de adesão inicial**, outro recurso argumentativo que consiste em atrair a atenção do leitor, preparando o terreno para a tese principal, sobre a qual ele discorrerá. Essa tese de adesão inicial pode se fundamentar em fatos ou presunções. No caso, Rossi baseia sua tese na presunção. Diz: “O próximo aliado do PT será Paulo Salim Maluf”. É claro que isso causa no leitor um paradoxo, um estranhamento, conhecendo a ideologia do PT e a incompatibilidade figadal entre o partido e Maluf.

Acontece que a tese principal do cronista é a aproximação do PT com Quércia. É sobre isso que ele vai expor sua visão, nesse discurso de mundo comentado. Daí, se Luís Inácio Lula da Silva justificou a aproximação com Quércia, conforme consta no terceiro parágrafo, presume-se (tese de presunção) que, logo, ele também se aproximará de Maluf, visto que ambos os políticos são conhecidos por seus métodos nada ortodoxos. Trata-se, aí, da argumentação por analogia.

A tese de adesão inicial, que causa grande estranheza no leitor, é resultado da razão e do cálculo do cronista que busca convencer (com a razão) e, ao mesmo tempo, persuadir. O cronista tem consciência do paradoxo usado, tanto é que ele

mesmo pergunta: “Impossível?”, “Inacreditável?”. Responde que “não” e, para comprovar sua resposta, faz uso do discurso informativo, isto é, transcreve a fala de Lula: “Acho que todas as denúncias feitas contra qualquer pessoa têm de ser apuradas. Ou a pessoa ganha uma condenação ou um atestado de idoneidade. Até agora, não teve nenhuma acusação concretizada”. Daí, parte o cronista para o discurso interpretativo e opinativo.

A linha argumentativa de Rossi continua pela analogia, pois se Lula afirmou que “Até agora, não teve (Quércia) nenhuma acusação concretizada”, Maluf também pode ser um futuro aliado, “porque está na mesma situação de Quércia: cachos de acusações, nenhuma condenação final (exceto um caso ainda pendente relativo à doação de carros, com dinheiro público, aos campeões do mundo de futebol em 1970)”.

A retórica de Rossi continua, ao lado dessa linha de convencimento, a usar as figuras que, além de conferirem estética ao texto, têm grande força persuasiva: cachos de acusações (metáfora) x nenhuma condenação (antítese).

Percebe-se que para convencer o leitor quanto à honestidade de seu texto, o cronista reforça a argumentação não omitindo, através do discurso informativo, o caso de doação de carros, única acusação contra Maluf com condenação final, embora “ainda pendente”.

Também a pontuação é persuasiva, pois o autor a usa estilisticamente como raciocínio de retórica ao destacar, por exemplo, a expressão “com dinheiro público” por meio de vírgulas; o que ressalta o uso indevido desse dinheiro.

O autor continua a composição do texto valendo-se da argumentação por analogia e, nessa linha, usa o operador de classe argumentativa “além disso” para afirmar, somando ao que já foi exposto, que Lula também deveria se desculpar diante de todos os membros do governo de FHC, já que atacara impiedosamente o governo ao longo destes últimos sete anos e meio com “catarata de acusações de maracutaias” (novamente a metáfora se faz presente – catarata) e nenhuma dessas acusações teve condenação, logo todos têm “atestado de idoneidade”.

Assim Rossi vai construindo o texto, levando a sua indignação ao leitor, buscando sua cumplicidade quanto ao comportamento, a seu ver, incoerente do PT e de Lula. Faz uso freqüente de figuras de repetição para reforçarem, manterem na mente do leitor a indignação do cronista quanto às atitudes do PT e de seu presidente. É o caso da iteração em “O PT e Lula **têm todo o direito** de se aliarem com quem quer que seja. Só **não têm o direito de** usar duas caras” e a anáfora em: “**Se verdadeira** a primeira hipótese, a aliança de afora é obscena. **Se verdadeira** a segunda, o PT confessa, tardiamente, que foi leviano”.

Destaca-se também o emprego de adjetivos fortes, escolha essa que caracteriza bem a intencionalidade do autor em condenar a atitude do partido, para o qual, através de hipotéticos “se”, não deixa saída: se for a primeira hipótese, o PT foi **obsceno**, se a segunda, foi **leviano**. Esse tom provocativo já se observa no início desse parágrafo, pelo emprego do operador lingüístico com efeito de desafio

“ou...ou”: “**Ou** Quércia era mesmo ladrão de carrinho de pipoca”, como Lula insinuou na campanha de 1994, “**ou** tem atestado de idoneidade”. Note-se o uso das falas de Lula, entre aspas, é claro, para comprovar a veracidade do relato.

O leitor percebe, com clareza, o desencanto do cronista que chega a estender sua indignação a outras atitudes do partido, como (penúltimo parágrafo) a divulgação do número absoluto de desempregados pela Secretaria Petista de São Paulo, que, a seu ver, foi inadequado, e que, “desgraçadamente”, a Folha adotou. Note-se o uso do indicador atitudinal: o advérbio “desgraçadamente” que traz a contrariedade de Rossi quanto à atitude do jornal, justificando sua fala com frases espirituosas que conseguem um efeito cômico, de ridicularização quanto aos dados apresentados pela Secretaria Petista: “óbvio ululante”, “baita problema”, “mágica estatística besta”.

O texto de Clóvis Rossi comprova sua habilidade em gerenciar, não só a informação como a relação com o leitor. Pela retórica, ele nos convence de que sua indignação procede e passa seu ponto de vista, traduz sua verdade, não de maneira autoritária, mas, sim, nos levando a aceitar essa sua verdade de modo cooperativo, construtivo num discurso organizado, coerente, indignado, bastante subjetivo, mas, acima de tudo, elegante.

Verifica-se o quanto foi oportuno o relançamento da retórica por estudiosos ao longo do tempo, especialmente o avanço alcançado no final do século XIX e início do XX, que recuperou o valor da retórica. Ela deixou de ser um mero recurso estilístico para se tornar uma disciplina maior, que contribui enormemente com o mundo atual, já que nele a comunicação é imprescindível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Antônio Suárez. (2001) *A Arte de Argumentar*. São Paulo. Ateliê Editorial

BARILLI, Renato.(1985) Retórica. Lisboa: Editorial Presença.

GRUPO ¼. (1974). *Retórica Geral*. São Paulo: Cultrix.

CROCE, B. (1958) *Estética*. Bari: Laterza.

ANEXO I

FERNANDO RODRIGUES

Eleição eletrônica

BRASÍLIA - É da maior relevância a decisão da TV Globo de fazer uma cobertura ampla da eleição presidencial em seus programas noticiosos.

Entre outros ineditismos, os candidatos serão entrevistados, ao vivo e mais de uma vez cada um, pelos apresentadores do "Jornal Nacional".

Todos os telejornais da emissora farão entrevistas exclusivas com os presidencializáveis. Haverá debates. Será a maior cobertura eleitoral da TV Globo desde a volta da eleição direta para presidente, em 89.

A decisão é excelente. A emissora líder no país demonstra interesse em fazer jornalismo sobre um tema que certamente não dará tanta audiência como a Copa do Mundo.

Mas haverá consequências. A mais evidente é que as outras emissoras de TV certamente também vão desejar fazer o mesmo. É a lei do mercado. A agenda dos candidatos ficará premiada por convites para entrevistas e debates nos meios eletrônicos.

Uma entrevista para um jornal impresso é rápida. O candidato fala em qualquer lugar, até pelo telefone.

Aparecer por dez minutos ao vivo no "Jornal Nacional" requer um preparo maior. Talvez passar o dia todo sem agenda de rua. Ninguém quer aparecer na frente de 27 milhões de telespectadores-eleitores com a cara abatida ou sem as idéias no lugar.

Menos comícios. Mais TV. Esta será a eleição presidencial mais eletrônica de todas as que o Brasil já teve. O horário eleitoral gratuito não poderá falsear demais as imagens dos candidatos. Todos aparecerão ao vivo nos telejornais, mostrando suas reais qualidades e defeitos.

Quem vai se sair melhor nesse tipo de ambiente? Lula, Serra, Garotinho ou Ciro? Difícil dizer.

Por que a Globo tomou esse rumo? Outra pergunta sem resposta. É melhor esperar o resultado para depois, se for o caso, emitir opinião.

→ O enfoque da crônica (Título e assunto)

→ auditório universal

→ valer-se da "ação" e da "memória".

→ qualquer erro* pausará dono à conduta dos mesmos (de um dos componentes retóricos).

Folha de S. Paulo
- 08/06/2002

